

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

O CONTRACONTROLE COMO FERRAMENTA MICROPOLÍTICA: UM DIÁLOGO ENTRE SKINNER E FOUCAULT

Renan Kois Guimarães (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Carlos Eduardo Lopes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá); Carolina Laurenti (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: renankg@gmail.com

Palavras-chave: Micropolítica. Contracontrole. Resistência.

O ser humano caracteriza-se por viver em sociedade, interagindo com pessoas. Essa interação que compõe o corpo social pode ser entendida como relações de poder ou relações políticas (FOUCAULT, 2012). Segundo Deleuze e Guattari (1996), todas as relações são políticas, e toda a política é simultaneamente macro e micropolítica. Nesse contexto, a política é entendida como o aspecto mais fundamental do ser humano.

É a partir desta tese, de uma característica essencialmente política das relações humanas, que a micropolítica pode ser entendida como: “[...] um encontro ‘privado’, que, na sua forma mais típica, ocorre em espaços protegidos, de modo geral, fora de qualquer olhar externo de controle” (CECILIO, 2011, p. 591). As relações micropolíticas são feitas de forma privada, no sentido de que elas não são afetadas diretamente pela macropolítica, na qual vigora uma das maneiras mais eficazes e perniciosas de exercer o controle social: o poder disciplinar (FOUCAULT, 2012).

O poder disciplinar é a forma típica de poder usado pelas instituições, sendo que ele tem por função a docilização dos corpos, a hierarquização. Esse é o campo da macropolítica. A micropolítica, por sua vez, tem a pretensão de atuar em um nível mais uniforme, no qual o poder disciplinar não opera diretamente e dociliza os corpos, construindo relações em que o poder não circula entre os indivíduos inseridos no grupo, mas está centralizado em um cargo, em uma função etc.

Estando livre do poder disciplinar, o indivíduo inserido em relações micropolíticas pode exercer maior resistência a um poder imposto a ele, uma vez que esse poder está sendo imposto por um indivíduo igual a ele, e não uma instituição ou um indivíduo cujo cargo permite esse abuso de poder sobre outros de menor hierarquia. É na micropolítica que o sujeito pode resistir à exploração, subordinação, hierarquização, docilização.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Para tanto, a macropolítica utiliza instrumentos como a normalização para hierarquizar os sujeitos, deixando mais fácil o processo de classificação e, por sua vez, o de abuso de poder. Assim, em uma relação micropolítica, na qual não há esse poder disciplinar, é mais fácil que um sujeito resista aos poderes internos do grupo, evitando a dominação por outros membros.

Tradicionalmente, a política é entendida apenas como macropolítica. Heywood (2010) diz que, muitas vezes, a política é entendida como meras disputas de poder. Foucault (2012) se distancia dessa visão dizendo que existe a micropolítica, e não somente isso, mas que tudo é político. E assim, é possível pensar que essa micropolítica pode gerar mudanças macro.

Tendo a micropolítica esse caráter transformador, essa transformação deve ser vinculada ao conceito de resistência. É por meio da resistência ao poder, nas relações micropolíticas, que se deve pensar a mudança em um âmbito maior, que envolve instituições e poderes disciplinares. Esses projetos micro devem ser transpostos ao contexto macro.

Quando a Análise do Comportamento discute as relações humanas, um primeiro aspecto dessas relações é o controle. Esse controle tradicionalmente é entendido como ao abuso de poder, subjugação, o que fomenta críticas à Análise do Comportamento, entendida, no contexto dessas críticas, como recomendando esse “controle”.

Para elucidar o que o Behaviorismo Radical entende por controle, Skinner (2006) diz que todo comportamento é controlado. Esse controle é exercido genética e ambientalmente, ou seja, o aparato biológico, inato, juntamente com o ambiente altera, influencia, *controla* o comportamento. Contudo, o comportamento não é somente controlado, ele também controla o mundo, altera o mundo.

Esse controle do mundo pelo comportamento é visto por muitos como algo ruim, mas Skinner (2006) argumenta não é uma questão de escolha, é algo natural. Tendo em vista que o controle do comportamento é exercido pelas consequências, qualquer ser sensível a elas será controlado, e também controlará.

Porém, mesmo entendendo o conceito de controle como intrínseco as relações dos seres vivos com o mundo físico e social, é possível pensar que a Análise do Comportamento não desconsidera a dominação ou o abuso de poder. Entretanto, o Behaviorismo Radical entende que não é o controle a causa desse abuso, mas sim um tipo específico de controle: o controle coercitivo.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Segundo Skinner (2006), o controle aversivo tem como seus principais efeitos comportamentos de fuga ou esquiva, ou seja, quem está sofrendo o controle aversivo tende a escapar do controlador. Mas há outra possibilidade. Quando a fuga e esquiva não são possíveis é comum à ocorrência de comportamentos de ataque ou de recusa ao controlador, o chamado de contracontrole.

No contexto da discussão do contracontrole Skinner (2003) também critica as agências controladoras, o que Foucault chama de instituições. Skinner explica que essas agências exercem o controle sobre os membros do grupo por meio de reforços positivos imediatos e controle aversivo. Essas agências de controle organizam contingências para que reforços positivos imediatos como viagens, prêmios, promoções, sejam distribuídas aos funcionários ao final de períodos lucrativos, porém, esses reforços geralmente têm a função de mascarar os aversivos que elas próprias geram, como o trabalho excessivo, o baixo salário etc.

Essas agências controladoras têm seus próprios interesses, o maior deles, no entanto, é continuar no controle. Assim, o que essas agências têm em comum é o fato de controlarem os sujeitos de forma que somente a própria agência controle, ou exerça o poder. Por isso essas agências irão elaborar formas de evitar que os indivíduos contracontrole.

Nesse contexto, Skinner critica a política, no seu sentido mais tradicional, que é entendida como macropolítica. Nesse ponto, os dois autores, Skinner e Foucault tecem críticas a essa forma de política. Dessa forma, este projeto, por meio da discussão entre esses autores, buscará esclarecer a proposta política skinneriana.

Para tanto, usará o conceito de contracontrole como pedra de toque. Entendo que esse conceito do Behaviorismo Radical têm semelhanças com o conceito de resistência empregado por Foucault, que por sua vez é mais facilmente exercida em relações micropolíticas, este projeto buscará entender se o contracontrole pode ser uma ferramenta na construção de relações micropolíticas.

Este projeto também, por meio do debate entre os autores, poderia trazer contribuições teóricas mútuas, uma vez que a discussão micropolítica poderia se valer de conceitos analítico-comportamentais para fomentar novas discussões no campo da micropolítica.

Outro aspecto a ser levantado em consideração é a perspectiva de mudança. Pensar em micropolítica é pensar em ações políticas, ações que buscam transformações. Dessa forma, este trabalho poderia, por meio da discussão da micropolítica, pensar mudanças locais, para que, no fim, essas mudanças iniciadas em um contexto micro tenha um impacto maior. Então,

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

mesmo sendo uma pesquisa de cunho teórico, este trabalho poderia, futuramente, dar subsídios para práticas políticas e pesquisas aplicadas no âmbito da Análise do Comportamento.

Skinner (2006) explica que algumas populações específicas sofrem com o abuso de poder mais do que outras. O principal fator dessa exploração é a incapacidade dessas populações de contracontrolar. Foucault (2012) compartilha dessa visão. Dessa forma, este trabalho, discutindo o controle aversivo sob essas populações, poderia também trazer contribuições práticas, no âmbito em que esses grupos citados pudessem contracontrolar, e não somente ser controlados de forma exploradora e unilateral.

Para discutir o contracontrole como ferramenta na construção de relações micropolíticas, esta pesquisa, que é de natureza conceitual, será realizada em três etapas. A primeira etapa intitulada “mapeamento e definição do conceito de contracontrole” tem como objetivo esclarecer o papel do contracontrole na obra de Skinner. Para isso, será feita uma busca pelo conceito de contracontrole nos índices remissivos dos principais livros de Skinner. Em seguida os textos selecionados serão analisados verificando continuidades e rupturas na forma como o autor define o conceito de contracontrole.

A segunda etapa, “exame da proposta política skinneriana”, tem por objetivo delinear as discussões skinnerianas sobre política, avaliando o papel do contracontrole nessas discussões. Posteriormente, essa etapa buscará aproximar a proposta micropolítica com a política delineada anteriormente.

Por fim, a terceira etapa, “avaliação da possibilidade de uma micropolítica em Skinner”, buscará afinidades e diferenças entre a proposta política skinneriana e a micropolítica, baseada na proposta de Foucault. Nesse diálogo, o conceito de contracontrole será empregado como pedra de toque, buscando aproximações com o conceito foucaultiano de resistência.

III SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

23 de Novembro de 2013

Referências

CECILIO, L, C, O. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. **Interface comunicação saúde educação**. São Paulo, vol. 15, n. 37, p. 589-599, abr-jun 2011.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. São Paulo, SP: Editora 34, 1996. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/lep/arquivos/textos_geral/Mil_Platos_3.pdf. Acesso em: 30 de out. de 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo, SP: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HEYWOOD, A. **Ideologias políticas: do liberalismo ao fascismo**. São Paulo, SP: Ática, 2010.

SKINNER, B. F. A questão do controle. In: _____. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 163-176.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.